

ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE OS ESCRITOS DE SÊNECA E DE PAULO DE TARSO

Fausto Silva Barros¹

Talita Cristina Garcia²

RESUMO

O presente artigo se perguntou se é possível estabelecer a analogia entre a Filosofia de Sêneca e os escritos de Paulo de Tarso. O objetivo geral foi de compreender a possível analogia entre a Filosofia destes autores. Para isso foi necessário: descrever as contribuições do Estoicismo para a formação da cultura ocidental e do pensamento greco-romano; identificar os principais conceitos da filosofia estoica de Sêneca, a partir das suas cartas; analisar a influência da filosofia helênica, no processo de formação intelectual do pensamento de Paulo de Tarso; comparar a produção filosófica de Sêneca com as ideias presentes nos escritos de Paulo de Tarso. Com uma abordagem histórico-filosófica, a pesquisa partiu do método dedutivo, com cunho exploratório, comparando nas duas teorias as paridades de seus ideais frente às finalidades de seus autores. Apesar das semelhanças que aproximam as duas teorias, as diferenças presentes entre os dois pensadores colocam também um espaço significativo entre eles. Enquanto Sêneca, a partir da visão estoica, vê na razão a supremacia e excelência do homem sábio e na filosofia a educação para o bem viver, Paulo, a partir da sua experiência de conversão, encontra na fé em Jesus Cristo a excelência que une toda a humanidade a bem viver e liberta o homem da escravidão do pecado.

Palavras-chave: Sêneca. Paulo de Tarso. Helenismo. Estoicismo.

ABSTRACT

The present article asked if it is possible to establish an analogy between Seneca's philosophy and Paul of Tarsus's writings. The general objective was to understand the possible analogy between the Philosophy of these authors. Therefore, it was necessary describe Stoicism's contributions to the formation of Western culture and Greco-Roman thought; identify the main concepts of Seneca's stoic philosophy, from his letters; analyze the influence of Hellenic philosophy, in the intellectual formation process of Paul of Tarsus's thought; compare Seneca's philosophical production with the ideas present in Paul of Tarsus's writings. With a historical-philosophical approach, the research started from the deductive method, with an exploratory nature, comparing in both theories the parities of their ideals in relation to the purposes of their authors. Despite the similarities that approximate the two theories, the differences present between both thinkers also place a significant space between them. While Seneca, from the Stoic point of view, sees in reason the supremacy and excellence of the wise man and in philosophy education for good living, Paul, from his conversion experience, finds in the faith in Jesus Christ the excellence that unites all humanity to a good living and frees man from the slavery of sin.

Keywords: Seneca. Paul of Tarsus. Hellenism. Stoicism.

1 INTRODUÇÃO

¹ Graduando do Curso de Filosofia do Centro Universitário Salesiano. E-mail: fausto1698@gmail.com.

² Doutora em História Social pela USP, Professora do Centro Universitário Salesiano. E-mail: tgarcia@ucv.edu.br.

Com a expansão do império romano e a derrota da Grécia pela Macedônia em 338 a.C., a pólis grega, lugar da discussão e produção da filosofia grega, perdeu a sua hegemonia. Em contrapartida, o pensamento grego se expandiu para além das fronteiras da pólis. Este período, denominado helenístico, é marcado como a transição entre o pensamento antigo e medieval e apresenta-se com uma abordagem focada no homem como um ser ético individual e pela busca da felicidade (*eudaimonia*). Uma de suas principais características é a incorporação da filosofia grega à cultura romana, contribuindo para o desenvolvimento da sociedade, adaptando-se à localidade em que estava (MATTAR, 2010).

O Estoicismo foi uma escola filosófica marcante deste período, com uma vasta produção intelectual entre os séculos II a.C. e IV da Era Cristã. (BRAGA JUNIOR e LOPES, 2015). Dividido em três períodos, o Estoicismo determinou a visão da sociedade greco-romana no mundo (física), na linguagem, na razão (lógica) e, acima de tudo, no comportamento moral das pessoas (ética). Entre os grandes pensadores e representantes dessa escola, pode-se citar o fundador Zenão de Citium (334-262 a.C.), Cleanto de Assos (321-232 a.C.), Crisipo (280-210 a.C.), Posidônio de Apameia (135-51 a.C.), Panécio de Rodes (180-110 a.C.), Sêneca (4.a.C.-65 d.C.), Epiteto (55-135d.C.) e Marco Aurélio (121-180 d.C.) (BRUN, 1997).

Sêneca, um dos expoentes do período conhecido como novo estoicismo (séculos I-II d.C.), nasceu na Espanha e faleceu em Roma no ano de 65 d.C. Adquiriu um grande conhecimento da filosofia do pórtico, sendo um dos principais pensadores que fizeram com que o estoicismo retornasse a sua proposta de pensamento sobre as questões de ordem moral. Na política, desempenhou atividades de aconselhamento no império de Nero, entre 54 a 62 d.C. e produziu uma vasta e significativa obra literária, apresentando desde tragédias e produções filosóficas como *De Ira* (Sobre a Ira), *De Brevitate vitae* (Sobre a brevidade da Vida), *De Vita Beata* (Da Vida feliz) e a obra principal e central de seu pensamento estoico, *Epistulae ad Lucilium* (Cartas a Lucílio) (CAMPOS, 1991).

Paralelamente ao crescimento e desenvolvimento da filosofia helenística, conforme podemos perceber por meio da cronologia, desenvolve-se o pensamento cristão (MATTAR, 2010). Um dos expoentes e propagadores do cristianismo, Paulo nasceu por volta da primeira década do século I d.C., em Tarso da Cilícia, cidade de grande importância comercial na região e de formação multicultural diante da expansão do império romano (HENGEL, 1991).

De origem judia e cidadão romano (como ele se identifica nos atos dos apóstolos, segundo o evangelista Lucas), Paulo demonstra um amplo conhecimento acerca da cultura e filosofia greco-romana, fruto de sua educação helenizante como demonstra em grande parte de seus

escritos (RAMOS, PIMENTEL, *et al.*, 2012). Paulo era um judeu-romano e considerá-lo de outra maneira pode levar a uma má compreensão da mensagem anunciada por ele em suas cartas. Assim para alcançar a todos os povos, em especial os não judeus, ele utiliza de elementos da inculturação para a partir disto evangelizar e levar às pessoas a conversão (SAMPLEY, 2008).

O presente artigo se perguntou se é possível estabelecer a analogia entre a Filosofia de Sêneca e os escritos de Paulo de Tarso. O objetivo geral foi de compreender a possível analogia entre a Filosofia de Sêneca e os Escritos Paulinos.

Os objetivos específicos foram: descrever as contribuições do Estoicismo para a formação da cultura ocidental e do pensamento greco-romano; identificar os principais conceitos da filosofia de Sêneca, a partir das suas cartas; analisar a influência da filosofia helênica, em especial do Estoicismo, no processo de formação intelectual do pensamento de Paulo de Tarso; comparar a produção filosófica de Sêneca com as ideias presentes nos escritos de Paulo de Tarso.

A presente pesquisa partiu do crescente interesse da atualidade, tanto das áreas da Teologia quanto da Filosofia, em se estudar e situar as cartas de Paulo no ambiente greco-romano. Esta abordagem, faz-se necessária, pois amplia a compreensão do pensamento de Paulo Apóstolo, partindo de uma visão social e cultural que predominava na época. Ambos buscaram responder e solucionar conflitos e indagações pertinentes àquela época, e apesar de possuírem semelhanças entre os seus pensamentos, cada um estabelece a sua argumentação partindo daquilo que o norteava: Sêneca por meio da filosofia estoica e Paulo pela sua experiência cristã. A partir da análise comparativa entre o pensamento de Sêneca e Paulo podemos identificar caminhos e conjecturas que nos ajudam a pensar as problemáticas que perduram em nossa sociedade, desde o início da nossa era. Tanto Sêneca quanto Paulo discutiram sobre várias temáticas como no campo da ética, da vida social, da política, sobre o sentido da vida, entre outros.

Com uma abordagem histórico-filosófica, a pesquisa partiu do método dedutivo (GIL, 2008), com cunho exploratório, buscando o levantamento de argumentos e hipóteses, com base na relação de semelhança e diferenças entre as teorias de Sêneca e Paulo de Tarso (GIL, 2002). Empregando o método comparativo foram analisadas as duas teorias, em confronto com as paridades de seus ideais frente às finalidades de seus autores (MARCONI e LAKATOS, 2003). Utilizou-se como fonte primária a pesquisa documental das obras principais dos respectivos autores, “Cartas a Lucílio – Sêneca” e as 7 cartas consideradas autênticas paulinas: Romanos,

1 e 2 Coríntios, Gálatas, Filipenses, 1 Tessalonicenses e Filêmon (SAMPLEY, 2008). Como fonte secundária, buscou-se uma pesquisa bibliográfica sobre a temática.

2 O HELENISMO E O COSMOPOLITISMO

Considerado como transição entre a Era clássica de Platão e Aristóteles e a Idade Média, o período helenístico marcou o pensamento de toda humanidade. Nesta fase, aconteceram grandes fatos históricos, como o surgimento do Império Alexandrino na Macedônia, o início do cristianismo e a queda do Império Romano. O helenismo foi marcado por diversas correntes de pensamentos filosóficos e religiosos que nos influenciam até o presente momento (MATTAR, 2010).

Segundo Marilena Chauí (2010), podemos definir o helenismo como as atividades culturais que foram desenvolvidas desde a morte de Alexandre Magno (323 a.C.) até o fim do Império Romano (séc. V d.C.). Durante esta época, a cultura grega tornou-se patrimônio comum de todos os países mediterrâneos. “Desde a morte de Alexandre até a conquista romana, vemô-la dominar, gradualmente, o Egito e a Síria, alcançando Roma e a Espanha, os meios judaicos esclarecidos, a nobreza romana”. (BREHIER apud. CHAUI, 2010, p. 20).

A presença dominante da língua grega, sob forma de *koiné* (κοινή) ou dialeto comum em todo o mundo conhecido, iniciada por Alexandre, provocou uma série de mudanças das antigas convicções e na vida do povo grego (MATTAR, 2010). Alexandre defendia que deveria cumprir uma missão civilizatória sobre todos os países e raças da terra (monarquia universal), resultando na ruína da *pólis*³ e no entendimento do homem como cidadão. Segundo Giovanni Reale (1994a, p. 6),

De cidadão, o homem torna-se simples súdito; deixa de valer pelo seu antigo valor cívico, pois todas as decisões relativas à coisa pública são tomadas sem a sua contribuição; a vida dos novos Estados desenvolve-se independentemente do seu querer; caem as razões das suas antigas paixões, sente-se repentinamente vazio de conteúdo.

A partir de então, a filosofia toma o *kósmos* como paradigma da única *pólis* conhecida pelos filósofos, que agora são *cosmopolitas*, ou seja, cidadãos do mundo, na busca da universalidade humana. O mundo todo torna-se uma “cidade”, na qual todos os homens vivem juntos, onde todos são iguais e desfrutam da mesma linguagem e cultura. O cosmopolitismo da era

³ O homem era entendido como cidadão que participava das decisões da *pólis*, e estes conceitos, até então, eram fundamentais para se entender a filosofia grega. Além disso, todo o sistema filosófico, seja de Aristóteles, seja de Platão, tem como base a ação na vida política (esfera social) e a ética como sustento dessa ação no campo pessoal. A partir do Helenismo, o homem descobre-se como indivíduo. (REALE, 1994a).

helenística, torna-se uma tese dominante e universal, sem a presença de uma antítese real ou ideal (REALE, 1994a).

Além disso, podemos afirmar que este período exprime também uma comunicação intensa entre as criações culturais e filosóficas gregas e orientais. Isso porque essas culturas estavam submetidas a um mesmo e único poder centralizador (inicialmente a Alexandria e a partir de 146 a.C. a Roma), e ligadas por rotas. A partir desta relação intercultural, pode-se afirmar o desenvolvimento de uma cultura reconhecida propriamente como helenística, que abarca traços tanto da cultura do oriente, como do ocidente, criando um espaço cultural (SANSON, 1988).

Brehier, citado por Chauí (2010, p. 20), afirma que “ao mesmo tempo que as influências gregas se fazem sentir até o Extremo Oriente, vemos, inversamente, a partir das expedições de Alexandre, o ocidente grego abrir-se às influências do Oriente e do Extremo Oriente”.

As religiões orientais serviram de influência e auxiliaram na construção do pensamento filosófico que imperou na época. No período helenístico a religião filosófica esotérica dos antigos gregos, que entre os principais traços se tem o monoteísmo como crítica do irracionalismo supersticioso da religião cívico-popular politeísta grega, popularizou-se. O sábio helenístico buscava o autodomínio de sua vontade racional contra a potência das paixões e dos vícios. A filosofia, então, apresentava-se como ‘caminho de salvação’, itinerário espiritual para guiar a ação do homem, assemelhando-se às religiões orientais (CHAUÍ, 2010).

Desse modo, a filosofia se torna a fonte da qual o homem helenístico extrai os seus valores que antes extraía da *pólis* e da religião. Ela oferece novos conteúdos para uma vida espiritual, iluminando as consciências e ajudando o homem a viver e ser feliz, no tempo em que ele se descobre sozinho e com suas ações éticas independentemente da política. Segundo Giovanni Reale (1994a, p. 11), “Os filósofos da era helenística são substancialmente moralistas, grandes moralistas; são pregadores de um credo ético, são, a seu modo, apóstolos e missionários”.

Marilena Chauí (2010), em seu livro *Introdução à História da Filosofia*, apresenta dois pontos principais como aspecto de origem oriental do período helenístico. Em primeiro lugar, o monoteísmo filosófico, ou seja, a identificação da divindade sendo concebida como Providência. Apesar de ser entendido de maneira diferente entre as escolas, algumas, como o estoicismo, apresentam Deus e sua providência, com base na ordenação e governo do mundo, da natureza e da vida humana. O outro aspecto é o fato de os filósofos começarem a praticar o proselitismo, lançando uso de recursos retórico-literários como os sermões nas religiões orientais, se enquadrando em uma figura similar a um guia moral, pregando um credo ético.

Desta maneira, podemos afirmar que, por essas características e fatos histórico-sociais, a filosofia surgida exerceu grande influência sobre o todo o povo, visto que diante deste momento de crise para a sociedade grega, as pessoas buscavam consolo na filosofia, uma orientação para o agir moral no cotidiano. Este modo de pensar, fez-se presente não só na filosofia, como também em escritos de todo o período helenístico, como no início do cristianismo, em especial, nas cartas paulinas.

2.1 PAULO E A EDUCAÇÃO GRECO-ROMANA

Nas cartas de sua autoria, Paulo não conta onde nasceu. Entretanto, nos *Atos dos Apóstolos*⁴, o evangelista Lucas apresenta, em vários momentos, Paulo como sendo da cidade de Tarso, na Cilícia. Tarso era uma cidade bem-sucedida e de grande importância na região, especialmente por sua grande atividade comercial, graças a sua localização próxima a uma das grandes rotas comerciais para a região da Síria ou da Ásia menor (MURPHY-O'CONNOR, 1996). Para Martin Hengel (1991), podemos considerar Tarso como uma 'metrópole' da Cilícia, porque lá existia sempre um grande fluxo de pessoas de diversas áreas e culturas do mundo para a atividade comercial ou de plantio. Além disso, a partir de 66 a.C., quando a Cilícia se tornou província romana, a cidade de Tarso alojava os administradores romanos (BECKER, 2007).

Apesar de manter em si muitos costumes orientais, havia nela um grande zelo e prestígio pela filosofia e outras formações intelectuais, a ponto de se tornar uma das cidades de referência sobre o desenvolvimento intelectual. Tarso se tornou um dos mais importantes centros estoicos de filosofia do mundo, cidade considerada um microcosmo da cultura helenística no mediterrâneo, com universidades e centros de estudos (BECKER, 2007). Ela pode ser considerada o traço de união entre o cristianismo palestino e o mundo helênico e latino (MOTA, 1974).

Tarso [...] tornara-se um centro universitário tão importante que, depois da reforma levada a cabo por Atenodoro, filho adotivo de Tarso e preceptor de Augusto, eram os professores quem fiscalizava a vida municipal e administrativa. Nas escolas, ensinava-se oficialmente a doutrina estóica, tal como Zenão de Chipre, Aratos da Cilícia, Crisipo e Apolônio, todos eles nascidos em Tarso, a haviam formulado, e que chegaria até nós sobretudo por meio de Sêneca (DANIEL-ROPS, 1988, p. 62).

Portanto, a cidade em que Paulo nasceu, era bem governada e próspera. Apresentava uma orientação grega com uma forte cultura oriental judaica. Podemos dizer que os cidadãos de Tarso, estavam aptos a atuar tanto no oriente quanto no ocidente (MURPHY-O'CONNOR,

⁴ Atos 9, 11. 30; 11, 25; 21,39; 22, 3.

1996). Em suma, Paulo era um judeu helenista de Tarso, nascido em uma localidade em que o judaísmo havia apresentado de diversos modos um processo helenizante (PENNA, 2009).

O possível status social de aristocrata de Paulo, no período pré-cristão, faz, portanto, a educação como um pressuposto, e suas cartas escritas em grego *koiné* (*κοινή*), demonstram um excelente domínio da língua. A língua grega escrita por Paulo é livre de certo semitismo e segue uma comodidade impressionante do estilo grego, demonstrando uma certa naturalidade ao apóstolo em utilizar essa língua (BECKER, 2007). Sua familiaridade com elementos das convenções literárias e retóricas da educação dos gregos, também demonstram que apenas quem possuísse uma educação plena e completa poderia utilizá-los (HOCK, 2008). Para Daniel-Rops, a vida em Tarso marcou profundamente o espírito de Paulo, que o auxiliou no processo de evangelização dos povos. A falar da vivência de Paulo em Tarso ele afirma:

A vida de Tarso marcará profundamente o seu espírito, fornecer-lhe-á matéria para inúmeras alusões atividades urbanas, ao comércio, ao direito, ao exército e aos jogos do estádio, ao contrário de Jesus, um galileu do campo, que se refere sem cessar aos aspectos da natureza, ao sopro dos ventos , à chuva que cai, ao vôo alegre das aves. O meio grego dar-lhe-á a língua , que ele utilizará com desembaraço, bem como uma cultura bastante vasta, que lhe permitirá citar não só urna frase do poeta Menandro , mas também versos do filósofo estóico Aretas ou do filósofo e poeta cretense Eperênides , coisa que nenhum dos doze Apóstolos seria capaz de fazer (DANIEL-ROPS, 1988, p. 62).

Além disso, o fato de Paulo possuir a cidadania romana desde o seu nascimento, sugere também uma educação padrão grega superior. “A cidadania romana era alcançada pelos filhos dos judeus que se matriculavam, mediante pagamento de determinada taxa, nos *gymnasii*, nome genérico das escolas de educação física e também das academias de filosofia [...]” (MOTA, 1974, p. 184). Isso revela-nos a boa condição monetária⁵ e sugere o status social da família de Paulo, como pertencente a classe dos comerciantes ricos, uma espécie de aristocratas da província (DANIEL-ROPS, 1988).

Paulo, sendo cidadão romano, possuía a plenitude dos direitos civis, a capacidade de ser eleito para a magistratura e privilégios em assuntos jurídicos. Para Daniel-Rops (1988), pela familiaridade e costume com os privilégios romanos, Paulo inclina-se a ver o Império Romano, não como instrumento opressor, mas como uma organização poderosa, de uma grandeza positiva e de uma lei justa, que legitima a sua lealdade e que contribui para a realização dos desígnios de Deus e o seu julgamento final, como expresso na Carta aos Romanos 2.

⁵ “O *jus civitatis* era um privilégio que Roma concedia muito raramente: a pessoas oriundas das províncias, a certos protegidos ou , por vezes, a cidades inteiras que queria recompensar; sabe-se também que algumas vezes o privilégio era comprado por um preço muito alto” (DANIEL-ROPS, 1988, p. 61).

Além disso, a educação bíblica de Paulo tem base na tradução bíblica da Septuaginta, bíblia hebraica traduzida para o grego. Segundo Becker (2007), Paulo apresenta sua fala grega tão fluente, por meio do aspecto linguístico de suas cartas, que parece impossível que ele tenha tido domínio do hebraico e aramaico. Para Hengel (1991), pelo domínio do grego e da Bíblia grega que Paulo apresenta, torna-se provável que a sua primeira língua ou a língua que ele possuísse mais habilidade fosse o grego, de modo que, para isso ele deve ter frequentado uma boa escola primária grega, que era também uma escola judaica.

As cartas de Paulo apresentam elementos que demonstram uma pessoa que provavelmente passou por uma sequência curricular de educação greco-romana (HOCK, 2008). Essas cartas, por sua extensão e complexidade, apontam um autor com uma capacidade retórica e intelectual complexa, que tenha recebido um treinamento continuado a certa da composição do pensamento e da oratória, o qual segundo educação da época, só era possível a quem completasse o terceiro estágio de escolaridade (HOCK, 2008).

Apesar dos anos de pregação missionária de Paulo terem contribuído para o desenvolvimento de sua habilidade retórica, para Ronald Hock (2008) se torna mais sensato admitir que a pregação paulina se baseava num estudo e prática anteriores a sua experiência de conversão. Murphy-O'Connor (1996, p. 51) conclui que: “O que vimos da retórica de Paulo sugere um domínio e uma confiança que provavelmente não foram obtidos sem longa prática, e possivelmente um longo estudo também⁶”. A partir disto, pode-se inferir que provavelmente foi também, neste contexto da escola retórica, que Paulo foi exposto às várias vertentes da filosofia grega, a qual fazia parte do sistema de educação greco-romana, em especial da filosofia estoica a qual era presente nas escolas de Tarso (DANIEL-ROPS, 1988).

3 O ESTOICISMO

O Estoicismo é considerado a maior escola da era helenística, visto que foi uma das escolas que mais se desenvolveu e que adquiriu uma grande variedade de pensamentos entre os seus filósofos, sendo dividida em estoicismo antigo (século III a.C.), médio estoicismo (século II a.C.) e estoicismo imperial (séculos I a.C. – I d.C.). Para Marilena Chauí (2010, p. 116),

O estoicismo soube reorganizar as tradições religiosas e filosóficas, adaptar-se às mudanças políticas e teóricas, formular ideias e um vocabulário capazes de se popularizar e encontrar aceitação praticamente em todas as classes sociais do mundo greco-romano.

⁶ “What we have seen of Paul's rhetoric suggests a mastery and an assurance unlikely to have been gained without long practice, and possibly long study as well” (MURPHY-O'CONNOR, 1996, p. 51).

Isso possibilitou o crescimento da escola e a sua popularização sobre grande parte da sociedade helenística. O estoicismo foi fundado por Zenão de Cício e recebeu este nome, pois por Zenão ser estrangeiro não poderia adquirir edifícios nas cidades gregas, por isso, ele ensinava as pessoas na ágora, próximo ao Pórtico⁷ Poécilo pintado por Polignoto (BRUN, 1997). Ele acreditava que a filosofia seria um direcionamento prático para se entender a vida. Assim ele vai buscar em Sócrates, tendo como base o pensamento dos socráticos menores e não a interpretação da filosofia socrática de Platão e Aristóteles, o fundamento da sua posição filosófica como meio para que se alcance a *αυτάρκεια* (autossuficiência) (REALE, 1994a).

Dos elementos da filosofia socrática que ajudaram a determinação do pensamento estoico podemos destacar os seguintes: a) que o homem é a sua *psyché*; b) que os bens verdadeiros são os interiores; c) que a felicidade consiste exclusivamente nesses bens; d) que os fatos exteriores não podem impedir que o homem alcance os bens e portanto a felicidade (REALE, 1994a).

O estoicismo nega a ‘segunda navegação platônica’ e assume posições materialistas. As ideias, a alma e Deus não possuem nada de transcendente. As ‘ideias’ são pensamentos da mente humana, vistas apenas como conceitos. A alma é de natureza corporal e material, fazendo assim parte do corpo. Ela é *pneuma*, o sopro que nos permite a respiração e o movimento. Deus também é corpóreo, coincidindo com o princípio ativo e imanente do próprio universo (REALE, 1994a).

A filosofia, é para o estoicismo, o saber que nos permite juntar as nossas ideias e atos, vivendo de acordo com a natureza, isto é, de acordo com Deus, com a razão (*logos*) (BRUN, 1997). Esse *logos* não representa apenas a razão cognoscente e pensante das coisas, mas também o princípio espiritual que dá origem, cria e forma todas as coisas, segundo um plano rigoroso, determinando para cada criatura a sua destinação. Essa razão é o que cria e ordena todo o universo. Ser feliz, resulta em aceitar essa determinação e viver segundo os ditames dessa razão, ou seja, segundo a natureza (CHAUÍ, 2010). O *logos* é, deste modo, o princípio de verdade na lógica, o princípio criador do *cosmo* na física, e o princípio normativo na ética.

O estoicismo apresentava-se como a racionalização das religiões orientais. Para a *stoá* a filosofia era um monólito, que não admitia uma divisão teórica. Os seus ensinamentos e descobertas são um todo indivisível, compacto, podendo ser aceito ou rejeitado somente por completo (SANSON, 1988). Entretanto, por questões práticas e metodológicas, os estudiosos e

⁷ A palavra ‘pórtico’ em grego se diz *stoá*, daí veio o nome ‘estoicismo’ e o nome dos seguidores de Zenão *stoikói* (estoicos) ou os da *Stoá*.

comentadores estabeleceram uma divisão para a filosofia estoica em três grandes blocos: a lógica, a física e a ética.

De acordo com Jean Brun (1997), a lógica estoica repousa sobre três principais características: em um certo nominalismo, visto a crença da existência de apenas o individual das coisas e recusa dos conceitos gerais; uma teoria de simpatia universal segundo a qual todos os indivíduos se encontram em mútua interação inferindo um na representação da alma do outro, e em uma teoria com base no destino como justificação dos laços temporais de causalidade entre os acontecimentos, e nisto consiste a base da física estoica.

A doutrina estoica afirma um monismo materialista panteísta. Tudo que existe é concreto, é corpóreo. Deus e o mundo coincidem, no sentido de que Deus é a totalidade dos fenômenos e a razão destes (BRUN, 1997). O mundo é composto por dois princípios inseparáveis: um passivo que é a matéria, substância sem qualidade, e um ativo que é a razão divina, o próprio Deus (fogo). A matéria é ativada pelo Logos que resulta na produção de entes de caráter hilemórfico (REALE, 1994a), Assim, Deus apresenta-se como razão seminal, isto é, o *Logos* é como a semente de todas as coisas (SANSON, 1988). O Destino do mundo é alcançado infalivelmente pela sabedoria da Providência Divina (*πρόνοια*), que está presente no próprio mundo. A razão do mundo e de todas as coisas encontra-se em tudo ser regido e governado pela Providência (BRUN, 1997).

Para os filósofos estoicos, o homem é composto de alma e corpo. A alma é um fragmento de Deus no homem, e possui a mesma função do divino do mundo: é o fogo, o sopro (*pneuma*) contínuo, que mantém o corpo unido e favorece o seu desenvolvimento ao Destino. A alma é corpórea e corruptível, sobrevive à morte dos corpos pelo menos por certo período. A felicidade da alma e a sua realização se concebe como resultado da aceitação dos acontecimentos independentes da própria vontade humana (REALE, 1994a). E é a partir deste princípio que se desenvolve a moral estoica.

A moral estoica afirma que o sentido da vida é a felicidade (*eudaimonia*) a qual só se consegue vivendo segundo a natureza. Sendo o homem parte deste Todo ordenado pela Providência que é o mundo, viver bem é viver segundo a razão (SANSON, 1988). Para os estoicos o bem (virtude) é tudo aquilo que desenvolve o logos, e o mal (vício) é tudo aquilo que o prejudica. A felicidade consiste em um transcorrer harmonioso da vida, por isso o homem sábio é sempre feliz. Agir bem consiste em optar pela escolha das coisas que nos convêm ao *logos*. As paixões ou vícios são um movimento da alma ao lado oposto da sua razão e da natureza (REALE, 1994a).

O ideal de *ataraxia* é encontrado na serenidade intelectual, fruto da não perturbação a alma pelas paixões. O sábio é aquele que vive segundo a razão e alcança a *apatia*, isto é, “anulação ou ausência de qualquer paixão, que é sempre e somente perturbação do ânimo” (REALE, 1994a, p. 360). O sábio é segundo os estoicos o homem perfeito que aceita a vida como ela é, e vive segundo a sua própria natureza.

4 SÊNECA E O ESTOICISMO ROMANO

Dentro da filosofia estoica, Sêneca encontra-se no período denominado neoestoicismo ou estoicismo imperial. A filosofia de Sêneca volta-se para o campo da Ética, como ponto central. Ele busca conciliar a produção grega com o estilo de vida romano (REALE, 1994b). Apresenta-se como filósofo capaz de expandir o pensamento estoico para vida social romana (SANTOS, 2017). Uma de suas grandes inovações foi a transposição da filosofia para a língua latina. Sêneca, assim como Cícero, liberta a filosofia da sua ligação exclusiva com o grego, adaptando termos filosóficos do grego para o latim, pois reconhecia a importância de se valorizar a língua nacional (VEYNE, 1995). Sêneca mantém os princípios da escola ao defender que a virtude moral pode ser alcançada pela sabedoria, entretanto, amplia esse conceito ao afirmar a necessidade do favor como um ato do patronato.

Historicamente, Sêneca foi participante do desenvolvimento do período do principado romano. Sua família ocupava posição ativa na vida política de Roma. Ele foi testemunha da ascensão de quatro imperadores romanos: Tibério, Calígula, Cláudio e Nero (REALE, 1994b). Em sua produção filosófica, em especial no livro “Cartas a Lucílio”, Sêneca mostra-se como mestre capaz de ensinar os princípios práticos para se viver bem a partir da filosofia estoica. Sêneca trata Lucílio como um discípulo, procurando instruí-lo moralmente sobre como alcançar a vida feliz (*beatitude*) (SANTOS, 2017).

Partindo do estoicismo, Sêneca afirma que tudo que existe é corpóreo. Ser e corpo são idênticos. São corpóreos não só as coisas materiais, mas também as ações como a virtude, os vícios, o bem e a verdade, bem como a alma humana (SÊNECA, 1991). Questionado sobre Lucílio se o bem seria um corpo, Sêneca o responde, na epístola 106, dizendo:

[...] o bem actua, uma vez que nos é útil, e tudo quanto actua é um corpo. O bem move-nos a alma, de certa maneira dá à alma forma e limites, acções que são específicas dos corpos. Os bens do corpo são corpos; logo também os bens da alma são uma vez que a alma é um corpo. O bem próprio do homem é necessariamente um corpo, uma vez que o próprio homem é um ser corpóreo. [...] Em suma, tudo quanto nós fazemos, fazemo-lo sob ordens ou da maldade ou da virtude, e tudo quanto exerce poder sobre um corpo, tudo – é um corpo, tudo quanto dá força a um corpo – é um

corpo! O bem de um corpo é corpóreo; o bem do homem é o bem de um corpo, logo, é corpóreo. (SÊNECA, 1991, p. 584-586).

Deus como, causa primeira de todas as coisas, é um corpo, um fluído que se estende por todo o mundo, é o artífice da *physis*. Desta maneira, entender o mundo é entender o próprio Deus que o governa, o qual é razão, sabedoria e justiça (BRUN, 1997). Deus é a causa primeira de todas as coisas. E ao identificar esta causa com o divino, Sêneca (1991, p. 232) afirma que “esta causa deve ser simples pois a matéria também é simples. A causa que procuramos apenas pode ser esta: a razão criadora, que ele é dizer, a divindade”. Deus, no seu governo providencial, age perante os seres individuais e é a partir do conjunto desses seres que se expressa a harmonia universal. Sobre esse aspecto, escreve Sêneca na Carta 113:

Entre os vários aspectos que nos fazem admirar o engenho do divino artífice parece-me ser de incluir também este: na imensa multiplicidade da natureza nunca ele repetiu o mesmo esquema; mesmo seres que parecem idênticos revelam-se distintos se os compararmos bem. Criou inúmeros tipos de folhas: não há nenhuma que não tenha a sua forma individual; criou inúmeras espécies de animais: não há dois que tenham as mesmas proporções, há sempre alguma diferença entre eles. Teve a preocupação de que todos os seres individuais tivessem diferenças que os distinguíssem claramente (SÊNECA, 1991, p. 622).

Sendo a alma um fragmento do divino no ser humano, o homem pode apelar ao saber e a razão e viver de acordo com a sabedoria presente no mundo manifestada pela Providência, ou seja, viver segunda a sua natureza. Escreve Sêneca na carta 41:

Dentro de nós reside um espírito divino que observa e rege os nossos actos, bons e maus, e conforme for por nós tratado assim ele próprio nos trata. Sem a divindade ninguém pode ser um homem de bem; ou será que alguém pode elevar-se acima da fortuna sem auxílio divino? As decisões grandiosas e justas, é a divindade que as inspira. Em todo homem de bem, qual seja o deus, ignora-se, mas existe um deus! (SÊNECA, 1991, p. 141)

A filosofia é a medicina da alma que ajuda ao homem a curar as suas enfermidades advindas das paixões (CAMPOS, 1991). “[...] É na filosofia que reside a saúde verdadeira. Sem ela, a alma estará doente e mesmo o corpo, embora dotado de grande robustez, terá somente a saúde própria dos dementes, dos frenéticos” (SÊNECA, 1991, p. 50). Para Sêneca, os ensinamentos se dão pela via do exemplo: “porque a via através dos conselhos é longa, através de exemplos é curta e eficaz” (SÊNECA, 1991, p. 13). Nas cartas a Lucílio, Sêneca busca convencê-lo das suas próprias convicções a partir dos ensinamentos da doutrina estoica, sendo coerente o seu discurso com a prática (SANTOS, 2017). Ele afirma que o homem é estruturalmente livre e que nenhum homem pode ser admitido como escravo por natureza (REALE, 1994a). O sábio é aquele que aceita a sua liberdade e vive segundo a razão, aceitando com louvor os desígnios da Providência divina, sem deixar que sua alma se perturbe pelos vícios ou as paixões.

O homem perfeito, possuidor da virtude, nunca se queixa da fortuna, nunca aceita os acontecimentos de mau humor, pelo contrário, convicto de ser um cidadão do

universo, um soldado pronto a tudo, aceita as dificuldades como uma missão que lhes é confiada. Não se revolta ante as desgraças como se elas fossem um mal originado pelo azar, mas como uma tarefa de que ele é encarregado. “Suceda o que suceder”, diz ele – “o caso é comigo; por muito áspera e dura que seja a situação, tenho de dar o meu melhor!” Um homem que nunca se queixa dos seus males nem se lamenta do destino, temos forçosamente de julgá-lo um grande homem! Tal homem [...] atrai para junto de si todas as almas, dada a sua impassível tranquilidade, a sua completa equanimidade para com o divino e o humano. Tal homem possui uma alma perfeita, levada ao máximo das suas potencialidades, tal que acima dela nada há senão a inteligência divina, uma parte da qual, aliás, transitou até este peito mortal (SÊNECA, 1991, p. 674).

O sábio não é cidadão apenas de uma “*pólis*”, mas é cidadão do mundo (*cosmopolitas*). Todos os homens são concidadãos e devem viver unidos sobre uma lei comum. (BRUN, 1997). O *logos* é, destarte, a fundamental e estrutural igualdade entre os homens (SANSON, 1988). E esta é uma das grandes mudanças de paradigmas sociais que Sêneca e os estoicos trazem ao apontar todos os cidadãos como merecedores da felicidade e da virtude.

4.1 CONSCIÊNCIA, VONTADE E PECADO

Esses três conceitos (consciência, pecado e vontade) não estão presentes na filosofia estoica em seus primórdios. Todavia, foram desenvolvidos por Sêneca em sua filosofia e podem ser considerados uma das temáticas que aproximam o pensamento de Sêneca ao pensamento de Paulo de Tarso (REALE, 1994b).

A consciência para Sêneca é entendida como força espiritual e moral fundamental do ser humano. Além de Deus, o verdadeiro juiz da nossa ação moral é a nossa própria consciência. Essa concepção de consciência tem relação com a ideia de a razão humana ser uma emanção do *logos* cósmico/divino (REALE, 1994b). Afirma Sêneca (2006, p. 64): “Tudo farei sob o imperativo da consciência sem me submeter à opinião alheia”. Em Sêneca, não se alcança a virtude sem a consciência, ou seja, mais do que praticar o bem invés do mal, é preciso ter consciência da ação praticada. Isto representa a maturidade moral do homem e a sua virtude (CHAVES, 2012). “A virtude, na realidade não é um dom da natureza: ser bom necessita estudo” (SÊNECA, 1991, p. 454). A filosofia é meio para o homem despertar a sua consciência e adquirir a verdadeira virtude (*virtus*), abandonando a inocência natural de sua ação.

A virtude autêntica só é possível a uma alma instruída, cultivada, uma alma que atingiu o mais alto nível através da contínua exercitação. Tendemos para este nível, mas não o temos já de nascença; mesmo nos homens melhores, antes da iniciação filosófica, se pode haver matéria-prima para a virtude, não existe ainda virtude (SÊNECA, 1991, p. 454).

Sêneca é o primeiro pensador, do período clássico, a falar da vontade (*voluntas*) como uma faculdade distinta do conhecimento. Este conceito puramente romano, visto que para os gregos

o querer é consequência do conhecer, foi introduzido por Sêneca no pensamento do Pórtico (CAMPOS, 1991). Para o homem alcançar a felicidade, não basta o conhecimento, pois ele nada pode fazer se o homem não tiver uma boa vontade para praticá-lo.

[...] nós defendemos os nossos vícios porque os amamos, e preferimos desculpá-los a livrarmo-nos deles! A natureza deu nos energia suficiente. A questão está em aproveitá-la, em juntar todas as nossas forças e pô-la ao nosso ao nosso serviço ou, pelo menos, em não as virar contra nós mesmos. A falta de forças não passa de pretexto; o que temos na realidade é falta de vontade (SÊNECA, 1991, p. 647).

A vontade do bem se faz presente desde as profundezas da alma, mas é necessário trabalhar à vontade até que ela chegue a uma visão clara e se transforme em uma boa vontade (SILVA, 2015). O homem precisa querer ser um homem bom e chegar ao verdadeiro bem. A felicidade consiste em ordenar a conforme a razão.

A verdade é que os preceitos nem sempre induzem à prática de ações justas, mas apenas quando o espírito lhes obedece [...]. Ninguém, a não ser que formado a partir da base e totalmente orientado pela razão, pode estar apto a conhecer todos os seus deveres e saber quando, em que medida, com quem, de que modo e por que razão deve agir. (SÊNECA, 1991, p. 503).

Sêneca introduz em seu pensamento a ideia de um dualismo entre corpo e alma (CAMPOS, 1991). Para ele, o corpo é peso, cárcere da alma, causa dos vícios e adoecimento do homem e a alma é o verdadeiro homem que tende a libertar-se e alcançar a sua felicidade vivendo segundo a razão e sua própria natureza.

De facto este nosso corpo é para o espírito uma carga e um tormento, sob o seu peso o espírito tortura-se, está aprisionado, a menos que dele se aproxime a filosofia para incitar a alçar-se à contemplação da natureza, a trocar o mundo terreno pelo mundo divino. [...] O desprezo pelo próprio corpo é a certeza da liberdade (SÊNECA, 1991, p. 233-235).

A libertação moral do homem só ocorre quando ele se reconhece pecador, não em sentido cristão, mas como aquele que carrega um sentimento de culpa em sua consciência (WATAKABE, 2009). “Se queremos ser juízes equitativos de todas as situações, em primeiro lugar devemos nos convencer que nenhum de nós é isento de culpa [...] Algumas coisas fazemos, outras pensamos, outras optamos, àquela ajudamos” (SÊNECA, 2015, p. 131). Ter consciência do pecado e do sentimento de culpa instaura no homem um processo libertador e de correção pessoal. “*O começo da cura é a autoconsciência do erro*’. Creio que Epicuro tem toda razão ao dizer isso. De facto, quem não tem consciência de errar, não pode querer emendar-se. Antes da correção deve surgir a noção do erro” (SÊNECA, 1991, p. 106).

Pode-se afirmar que, estes três conceitos presentes na filosofia de Sêneca o aproximam do pensamento oriental e, de certo modo, ilustram bem a ética ascética defendida pelo filósofo. A consciência possibilita ao homem o reconhecimento do pecado, que propicia a regeneração

humana (WATAKABE, 2009). O homem, ciente de sua condição, deve buscar o seu amadurecimento por meio da educação filosófica, para orientar a sua vontade segundo a natureza, ou seja, o logos divino. O sábio é assim, aquele que em sã consciência, orienta a sua vontade para seguir a razão e assim não comete nenhum pecado, resultando em uma vida feliz.

5. PAULO DE TARSO E A INCULTURAÇÃO DA FÉ

Ao analisar a biografia de Paulo, pode-se perceber que a sua conversão representa uma reorganização da sua vida e do seu pensamento. A partir deste evento, Paulo estabelece uma nova leitura das tradições e costumes judaicos, tendo também como elemento presente em seu pensamento a cultura grega chegada a ele por meio de sua educação helenística. Segundo Jürgen Becker (2007), a vocação experimentada por Paulo, representa uma reorientação das suas motivações, fazendo com que seu período pré-cristão se mostre sem importância, tornando o período posterior a sua conversão como a sua ‘vida’ propriamente dita.

Paulo apresenta-se como ‘apóstolo dos gentios’⁸ buscando disseminar os ensinamentos de Jesus Cristo aos não judeus, falantes do grego (*koiné*), viventes no contexto da cultura helenística.

[...] vendo que a mim fora confiado o evangelho dos incircuncisos como a Pedro o dos circuncisos — pois aquele que estava operando em Pedro para a missão dos circuncisos operou também em mim em favor dos gentios — e conhecendo a graça em mim concedida, Tiago, Cefas e João, os notáveis tidos como colunas, estenderam-nos a mão, a mim e a Barnabé, em sinal de comunhão: nós pregaríamos aos gentios e eles para a Circuncisão (BÍBLIA, 2013, p. 2032).

Esta missão, segundo Paulo, foi confiada pelo próprio Deus a ele, e tinha o objetivo de alcançar a evangelização dos ‘incircuncisos’, os gentios integrantes do império romano (DANIEL-ROPS, 1988). Como cristão, Paulo visitou quase somente cidades helenístico-romanas. Isso pode ser associado à sua familiaridade com o ambiente urbano, já que Tarso era um grande centro comercial. As viagens, para ele, serviam como oportunidade de contato com o mundo grego e os relacionamentos firmados ajudavam no processo de evangelização e organização da igreja além da Judeia (BECKER, 2007).

Segundo Zilda Santos (2017), a base da pregação de Paulo está na sua identificação com o público. Romano Penna (2009, p. 62) afirma que Paulo “[...] praticou abundantemente o princípio da adaptabilidade ou condescendência cultural que hoje chamaremos de inculturação”. Ao afirmar que sendo livre, se fez escravo de todos para ganhar o maior número possível (cf. 1Cor 9, 19-23), Paulo ilustra o critério de *sygkatábasis* (condescendência, adaptação) muito presente na tradição greco-helênica. A condescendência representa a

⁸ Cf. Gl 1,16; 2, 7-9; Rm 1,5; 11,3-13; 15,16.18.

inclinação do teórico ao mundo dos seus ouvintes, igualando-se a eles, para transportá-los a um outro nível de pensamento (PENNA, 2009).

Para Martin Hengel (1991), embora se tente ver externamente Paulo apóstolo como um caminhante entre os dois mundos (judeus e gentios), o seu pensamento teológico demonstra uma unidade dos dois mundos. Desde seu período pré-cristão, Paulo já apresentava elementos que o ajudavam a romper com os moldes estreitos de Israel. Além de sua cidade natal, Tarso, ter demasiadamente influências ocidentais, seu mestre fariseu, Gamaliel, se mostrara como um mestre aberto e não sectário (DANIEL-ROPS, 1988). Deste modo, Paulo foi educado na visão universalista que ultrapassa a visão fechada da maioria dos fariseus, e essa visão vai o ajudar no seu apostolado em meio a gentios e judeus e no diálogo entre o grupo dos apóstolos de Jesus⁹. Paulo é, assim,

[...] atirado para o seio do mundo helênico, um mundo amassado com o espírito grego e a anarquia oriental, agitado há já três séculos pela inquietação religiosa, pela decadência moral e pelas ameaças sociais, um mundo a que Roma soubera impor a ordem administrativa, mas não a paz do coração (DANIEL-ROPS, 1988, p. 69).

A própria mudança do nome de Saulo para Paulo representa um ideal de ruptura com o mundo farisaico e sua capacidade de estabelecer-se entre os dois mundos. O nome para os judeus, representava a missão particular de cada pessoa. O nome trazia mais que um valor nominativo (nomeação do ser), mas um valor vocativo a pessoa (representava a vocação de cada ser). A adoção do nome Paulo¹⁰ a partir da viagem de Chipre, como nos aponta os Atos dos Apóstolos 13, 4-12, representa uma intenção espiritual, uma adesão total do Apóstolo à sua missão de levar o Evangelho ao mundo pagão (DANIEL-ROPS, 1988).

As cartas paulinas são os meios mais acessíveis e coerentes que se tem para a análise de seu pensamento. Paulo, por meio da sua pregação para as comunidades, buscou responder os questionamentos e solucionar os conflitos existentes naquele período, marcado por uma pluralidade cultural. Segundo Daniel-Rops (1988, p. 67), “tudo aquilo que, no cristianismo primitivo, não é ainda senão intenção pouco consciente e obediência instintiva às ordens do Mestre, vai transformar-se com ele [Paulo] em doutrina e método”. O Apóstolo se coloca assim,

⁹ Cf. At 15, 1 - 33.

¹⁰ O nome ‘Paulo’ já era utilizado pelo Apóstolo, em sua mocidade, acrescido ao seu nome hebreu ‘Saulo’. Era costume dos judeus e orientais em geral, utilizarem um ‘cognome’, de acordo com o costume do mundo greco-romano (BÍBLIA, 2013).

como um instrutor religioso ao apontar o ‘seu *ethos parrhesiasta*¹¹’ às comunidades por ele assistidas (SANTOS, 2017).

No início da primeira carta aos Coríntios, Paulo busca instruir a comunidade de como viver seguindo a proposta do Evangelho de Cristo. Ao recorrer no discurso sobre a distinção da sabedoria do mundo e sabedoria divina, Paulo remete a uma temática pertinente e valorizada pelos gregos no helenismo, o ideal de sábio. Ele apresenta essa sabedoria como diferente daquela almejada pela antiguidade clássica, pois essa se baseia na cruz de Cristo. “[...] os gregos andam em busca de sabedoria; nós, porém, anunciamos Cristo crucificado, que [...], para os gentios é loucura, mas para aqueles que são chamados, tanto judeus como gregos, é Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus”. (BÍBLIA, 2013, p. 1994)

A sabedoria entendida como anseio da razão humana para o verdadeiro conhecimento, só será alcançada a partir do mistério da cruz de Jesus. Humanamente, a cruz apresenta-se como algo contrário ao ideal grego de sabedoria e de glória (loucura para os gregos). Mas, ao olhar de fé de Paulo, ela revela-se como poder e sabedoria de Deus. O cristianismo, exposto por Paulo, não é uma filosofia discursiva baseada na sabedoria da razão, mas é um fato que transcende a toda a lógica humana e se encontra inscrito no coração do ser humano (BOEHNER e GILSON, 2012).

Em lugar de imponente sistema de ideias, erigido em fundamentos puramente racionais e sustentado por sua própria coerência interna, ele defronta os gregos com o absurdo de um Deus morto, ressuscitado e elevado à glória do céu. O apóstolo se dá conta de que tudo isso constitui uma pedra de escândalo aos olhos da sabedoria grega: "Os gregos buscam a sabedoria... Nós, porém, pregamos a Cristo, o crucificado... um escândalo para os gregos!" (1 Cor 1,22). Por isso, ao apelar para uma sabedoria nova e mais profunda (2,6), sua intenção não é trazer nova contribuição à filosofia grega, e sim, substituir a ciência puramente humana pela sabedoria salvífica de Deus. Pois a sabedoria cristã é infinitamente superior às débeis especulações humanas. É "o próprio Jesus Cristo, o qual por Deus se tornou para nós sabedoria, e justificação, e santificação, e redenção" (1,30) (BOEHNER e GILSON, 2012, p. 20-21).

Essa sabedoria cristã é compreendida na revelação da redenção da humanidade concretizada por Cristo, e na busca do homem por alcançar todos os valores do agir e do pensar semelhantes aos de Jesus. Isto resultando numa salvação total, por meio da justificação, santificação e redenção de todo o ser humano (BÍBLIA, 2013). Essa sabedoria é entendida como um dom de Deus e não fruto da razão humana. Pelo contrário, a sabedoria divina manifesta-se na fraqueza

¹¹ A palavra *parrhesia* é presente nos discursos do período clássico e greco-romano e significa dizer tudo o que tem em mente. Aquele que faz o discurso (*parrhesiastes*) não esconde nada dos seus ouvintes. Presume-se que o falante dê um relato completo e exato de tudo o que pensa, de modo que todos sejam capazes de compreender. Há um compromisso do falante com aquilo que ele diz, pois deixa claro o que pensa e como, em sua opinião, deve-se agir (*ethos*). Assim, existe uma relação evidente sobre aquilo que se fala e como o falante age (*ethos parrhesiasta*). O enunciador do discurso atua sobre a mente de seus ouvintes mostrando a eles, tão diretamente quanto possível, o que ele realmente acredita (FOUCAULT, 2013).

humana, segundo a lei universal da graça, dada por Deus a toda humanidade, por meio do sacrifício salvífico do seu Filho na cruz e alcançada a todos por meio do Espírito Santo (BOEHNER e GILSON, 2012).

Apenas aquele que se reconhece sua própria fraqueza e indigência é capaz de admitir a sabedoria divina em seu espírito. Esse espírito, segundo Paulo, não corresponde a visão abstrata e lógica do espírito racional, exterior e universal dos filósofos gregos. Ao contrário, o espírito a quem ele se refere é aquele que dá sentido à vida do homem. Esse espírito atua dentro do próprio homem como um poder transformador e que se manifesta na ação do homem na sociedade e na própria história. Toda doutrina proposta por Paulo tem como inspiração o episódio de sua conversão de perseguidor dos cristãos a apóstolo de Cristo. Assim, como esse espírito foi capaz de transformar e converte-lo em um novo homem, esse espírito é capaz de instaurar uma nova sociedade pautada no reino de Deus (DANIEL-ROPS, 1988).

Para Paulo a sabedoria cristã não exclui o valor da razão, mas a pressupõe como elemento para se conquistar a fé. Embora incapaz de adentrar e perceber os mistérios de Deus, a filosofia pagã pode auxiliar na solução de problemas da sua competência como os problemas da existência de Deus e da lei moral (BOEHNER e GILSON, 2012).

Deus revela-se a toda humanidade desde a criação do mundo. “[...] O que se pode conhecer de Deus é manifesto entre eles, pois Deus lho revelou. Sua realidade invisível — seu eterno poder e sua divindade — tornou-se inteligível, desde a criação do mundo, através das criaturas” (BÍBLIA, 2013, p. 1967). O erro dos pagãos está no abuso da razão e em não ter compreendido o divino da maneira correta, levando-os a idolatria. Entretanto, todo ser humano possui algum conhecimento de Deus, independentemente de uma relação especial (BOEHNER e GILSON, 2012).

Do mesmo modo, assim como a revelação de Deus é natural ao homem, a lei moral é naturalmente cognoscível. Paulo reconhece um saber natural sobre a ação moral no homem. Segundo ele, os gentios agem segundo a sua consciência sem uma lei moral positivamente revelada. A Lei moral então não é princípio de salvação, mas guia, que ajuda e orienta o homem ao caminho correto. Esta lei já está impressa no coração do homem desde a sua criação, revelando assim um ideal de ética natural. Para Paulo, já não é mais o cumprimento da lei farisaica que faz o justo, mas a vivência da fé baseada em obras de caridade, esta é a lei presente em todo coração humano.

Quando então os gentios, não tendo Lei, fazem naturalmente o que é prescrito pela Lei, eles, não tendo Lei, para si mesmos são Lei; eles mostram a obra da lei gravada em seus corações, dando disto testemunho sua consciência e seus pensamentos que alternadamente se acusam ou defendem [...] (BÍBLIA, 2013, p. 1968-1969)

Em suas cartas, Paulo procura despertar em seus destinatários, os valores éticos que deveriam ser alcançados e praticados pelos cristãos, para sua salvação. Segundo Zilda Santos (2017), os conteúdos do *ethos* defendido por Paulo estão enraizados no sistema de normas de sua época, resultantes da cultura helenística. Entretanto, ao recorrer aos valores e normas do seu tempo, Paulo os adquire como herança na formação dos compromissos da vida cristã.

Como apóstolo de Jesus Cristo, Paulo enuncia um novo conjunto de valores éticos para as suas comunidades. Esses valores, que para os estoicos eram justificados com base na razão e na ação conforme a natureza, se apresenta agora como pautado na redenção pela cruz de Cristo. Aceitar o mistério da salvação implica aceitar os sofrimentos como meio de se alcançar a salvação com Cristo, demonstrando assim um *ethos* acético. Para Clarence Glad (2008), o Apóstolo foi um líder que esteve atento às diferentes aptidões entre seus convertidos, sendo capaz de adaptar seus métodos de discurso e ação a um modo adequado às condições deles, levando a inculturação do cristianismo ao povo pagão, sem entretanto, perder os ideais presentes na religião nascente.

6 SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE AS DUAS PRODUÇÕES DE PENSAMENTO

Apesar suas produções teóricas estarem alinhadas para horizontes diferentes, Sêneca voltado a uma doutrina filosófica do bem viver e Paulo de Tarso na postura de defesa e anúncio da religião cristã, é possível elencar pontos de congruência e divergência dos dois pensadores. Sendo ambos contemporâneos, a estrutura do pensamento helenístico se faz presente nos elementos por eles elaborados em suas conjecturas.

Deus apresenta-se como centralidade dos dois argumentos. Esse divino governa o mundo por meio da sua providência e se revela a humanidade através de sua ação. Sêneca (1991), na epístola 95, fala da divindade como um ser desinteressadamente benéfico, que preside o universo, governando-o graças ao seu poder e que cuida e vela da espécie humana com segurança. Paulo, no areópago em Atenas¹², apresenta Deus como Aquele que deu vida, respiração e tudo mais a humanidade, para que O procurasse e O encontrasse. “Pois nele vivemos, nos movemos e existimos, como alguns dos vossos, aliás já disseram: ‘Porque somos também de sua raça’” (BÍBLIA, 2013, p. 1935).

Entretanto, o entendimento da figura divina para os dois pensadores apresenta-se de modo bem distinto. Sêneca e os estoicos apresentam uma visão panteísta e imanentista da figura divina.

¹² Cf. At. 17, 22-32.

Deus, natureza, destino e mundo são a mesma coisa, resultando em uma visão corpórea do divino. Todos os seres partem de Deus. “Tudo quanto vês, este espaço em que se contém o divino e o humano, é uno, e nós não somos senão os membros de um vasto corpo [...]” (SÉNECA, 1991, p. 519). Deus é o grande ordenador do mundo. “Deus, esse ente superior e potentíssimo, põe, ele próprio, todo o universo em movimento” (SÉNECA, 1991, p. 119).

Para Paulo e os cristãos, Deus é transcendente e invisível. Ele cria o mundo e revela-se ao homem de modo inteligível, através das criaturas. Sendo todo poderoso, ele não se confunde nem necessita do mundo, mas é anterior a ele. Deus é o Ser Absoluto, independente do mundo, incondicionado, que sempre existiu. “[...] o que se pode conhecer de Deus é manifesto entre eles, pois Deus lho revelou. Sua realidade invisível — seu eterno poder e sua divindade — tornou-se inteligível, desde a criação do mundo, através das criaturas [...]” (BÍBLIA, 2013, p. 1967).

Apresenta-se como ideia comum dos dois pensadores, o entendimento da alma como fragmento da divindade no homem. Para Paulo, o corpo é “templo [morada] do Espírito Santo” (BÍBLIA, 2013, p. 2000) e todo homem possui um espírito que o ajuda a exclamar “Abba-Pai”, tornando-o “herdeiro de Deus” (BÍBLIA, 2013, p. 1979). Este espírito, pode ser compreendido, como o mediador entre o homem e o divino. Deus coloca no homem o seu espírito, elevando-o acima todos os outros seres, tornando-o participante da natureza divina. Graças a este espírito é que é possível a revelação do divino ao homem (SANSON, 1988). Ao enxertar o Espírito Santo nos homens, Deus comunica sua natureza e o torna filhos de Deus e irmãos entre si. Entretanto, a fé e a graça são condições para este relacionamento com Deus, que é puramente Amor.

Para Sêneca, o homem e o divino possuem “natureza idêntica, apenas diferindo entre si por um ser imortal e o outro mortal” (SÉNECA, 1991, p. 701). Esta natureza se apresenta na razão humana, “parcela do espírito divino inserida no corpo do homem” (SÉNECA, 1991, p. 240). A razão divina é a única capaz de o ajudar a viver o seu bem próprio, isto é, a realização do fim para que nasceu, agindo conforme a natureza. Nas Epístolas 41 e 81, Sêneca apresenta a divindade próxima do ser humano, entretanto para que ele a reconheça é preciso que a alma seja moralmente pura e reta. Por conseguinte, a relação entre homem e Deus é de espelhamento, pois Deus é sempre a medida para a ação humana e o homem deve agir conforme a divindade/natureza que existe dentro de si.

Todo este universo que nos rodeia é uno, e é Deus. Nós somos participantes dele, somos como que os seus membros. A nossa alma tem capacidade bastante para se elevar até à divindade desde que os vícios a não deitem por terra. Tal como a estrutura do nosso corpo está organizada para se erguer em direcção ao céu, também a nossa

alma que tem a capacidade para abarcar tudo quanto queira! — foi formada pela natureza com a finalidade de conformar os seus propósitos aos dos deuses (SÊNECA, 1991, p. 471).

A paciência diante dos acontecimentos (*hypomoné*) aparece nos dois pensadores como capacidade de suportar as adversidades, presentes no ideal de sábio/justo, denotando o alicerce de suas éticas ascéticas. Em Sêneca, o sábio é “o homem que, apoiado à razão, atravessa as vicissitudes humanas com espírito divino, não tem onde receber injúrias” (SÊNECA, 2000, p. 95). A fidelidade a natureza e a vida guiada segundo a razão faz com que diante de qualquer evento, o sábio o recebe com o espírito tranquilo e sereno, até a morte. Nada o sufoca, ou o perturba.

Por isso ele é tão altivo e contente, por isso sobressai em sua alegria permanente; muito ao contrário de se abater diante dos ataques das circunstâncias e dos homens, a própria injúria é útil a ele, pois graças a ela ele testa a si mesmo e põe à prova sua virtude (SÊNECA, 2000, p. 97).

Na Carta aos Romanos, Paulo discute sobre as tribulações como causa de perseverança e de esperança, que são frutos do amor de Deus derramado pelo Espírito Santo, resultando na glorificação do homem. Em Cristo, as realidades contraditórias ganham sentido de força, como caminho de salvação.

Se somos atribulados, é para a vossa consolação e salvação que o somos. Se somos consolados, é para a vossa consolação, que vos faz suportar os mesmos sofrimentos que também nós padecemos. E a nossa esperança a vosso respeito é firme: sabemos que, compartilhando os nossos sofrimentos, compartilhareis também a nossa consolação! (BÍBLIA, 2013, p. 2017).

Paulo encoraja as suas comunidades a aceitarem o sofrimento como causa de esperança e uma oportunidade de receber a consolação divina. Na segunda carta aos coríntios ele apresenta os sinais que distinguem os seguidores de Cristo como sendo “paciência a toda prova, sinais milagrosos, prodígios e atos portentosos” (BÍBLIA, 2013, p. 2029).

O que diferencia a paciência em Paulo e em Sêneca são as motivações para se praticá-la. Em Sêneca, o sábio é paciente mediante o uso da razão, à medida que compreende os eventos conforme vontade do logos divino. Já em Paulo, as motivações de ser paciente se fundamentam sobre a fé e a esperança da assimilação a Cristo, que aceitou o sofrimento como forma de salvação de toda humanidade (PENNA, 2009).

As duas correntes pregam uma doutrina de salvação. A salvação estoica está baseada na filosofia como via de purificação do pensamento e dos vícios para se alcançar a felicidade. “Se é a filosofia que governa a nossa vida, deve também ela governar os acessórios da nossa vida; o seu fim supremo, porém, é determinar em que consiste a felicidade e em guiar-nos pela via que conduz a esse fim” (SÊNECA, 1991, p. 448). A partir da meditação filosófica o homem

conforma-se com a ordem cósmica e social, adquire a sabedoria e é feliz, nisto consiste a sua salvação. A filosofia leva o homem a compreender os desígnios da vontade universal, mostrando a verdade sobre Deus, o *cosmos* e sobre o próprio homem, fazendo com que ele deixe-se conduzir voluntariamente pelo Destino.

Nós, estóicos, não podemos ser desmobilizados! "*De que modo então*" - perguntas "*conseguirei libertar-me?*" Tu não podes escapar ao inevitável, mas tu podes vencê-lo! *Abre-se caminho à força*, e esse caminho será a filosofia a indicar-to. Dedicá-te a ela, se de facto queres salvar-te, se queres viver seguro e feliz, se queres, enfim, e isso é o fundamental, ser livre (SÊNECA, 1991, p. 132).

A salvação cristã, pregada por Paulo, está fundada na pessoa de Jesus Cristo. “Quanto mais, então, agora, justificados por seu sangue, seremos por ele salvos da ira. Pois se quando éramos inimigos fomos reconciliados com Deus pela morte do seu Filho, muito mais agora, uma vez reconciliados, seremos salvos por sua vida” (BÍBLIA, 2013, p. 1974). A salvação consiste na aceitação pela fé da pessoa de Jesus Cristo, na crença do amor de Deus e entre os homens, na penitência dos pecados e na renúncia a tudo que é do mundo, pois a “sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus” (BÍBLIA, 2013, p. 1997). Ela dependerá do homem a medida em que ele buscar, cada vez mais, se configurar a pessoa de Cristo, renunciando ao pecado e aceitando os mandamentos considerados ‘loucura’ para os sábios deste mundo.

Tanto para Paulo como para Sêneca o homem é livre, dono de suas próprias decisões. No pensamento paulino, o homem torna-se livre pela redenção acontecida na morte de Cristo na Cruz. O homem torna-se liberto do pecado, capaz de merecer, de adquirir, por decisão própria, a felicidade eterna. Esta felicidade (santificação) é alcançada através da opção pessoal em seguir os mandamentos e ensinamentos de Jesus, fruto de uma conquista pessoal.

Mas, graças a Deus, vós, outrora escravos do pecado, vos submetestes de coração à forma de doutrina à qual fostes entregues e, assim, livres do pecado, vos tornastes servos da justiça. – Emprego uma linguagem humana, em consideração de vossa fragilidade. Como outrora entregastes vossos membros à escravidão da impureza e da desordem para viver desregradamente, assim entregai agora vossos membros a serviço da justiça para a santificação [...]. Mas agora, libertos do pecado e postos a serviço de Deus, tendes vosso fruto para a santificação e, como desfecho, a vida eterna (BÍBLIA, 2013, p. 1976).

Já para Sêneca, a liberdade do homem está em aceitar interiormente o que não se pode controlar, as fatalidades da vida à qual está inevitavelmente sujeito. “O bem que é a liberdade terás tu de dá-lo a ti mesmo, de o reclamar a ti mesmo!” (SÊNECA, 1991, p. 345). À medida que o homem aceita os acontecimentos como algo fora do seu domínio, ele torna-se inatingível e autárquico diante das adversidades da vida, sendo assim livre. Não teme as adversidades que surgirem, nem se deixa abalar por elas. “Queres saber em que consiste a liberdade? Em não temermos nem os homens nem os deuses; em não desejarmos nada que seja imoral ou excessivo; em

termos o maior domínio sobre nós próprios: sermos donos de nós mesmos é um bem inestimável!” (SÊNECA, 1991, p. 310).

O universalismo presente na filosofia de Sêneca, mostra-se também presente na doutrina paulina. Sêneca defende a igualdade entre todos os homens. Na Epístola 44 ele afirma que como a virtude é possível a todos, logo todos são nobres. A razão universal presente na alma humana e acessível a todos os homens é símbolo desta nobreza universal. “A alma é que nos dá a nobreza, uma nobreza a que qualquer um pode acender, independentemente da sua condição social” (SÊNECA, 1991, p. 150). Para Sêneca, a filosofia como caminho de salvação e felicidade do homem não rejeita ninguém, ela busca a todos. O universo é um só grande corpo, governado pela inteligência divina. Todos os homens têm o seu papel e são importantes no desenrolar da natureza e da vida em sociedade.

A natureza gerou-nos como uma só família, pois nos criou da mesma matéria e nos dará o mesmo destino; a natureza faz-nos sentir amor uns pelos outros, e aponta-nos a vida em sociedade [...]. Devemos ter gravado na alma, e sempre na ponta da língua, o verso famoso: "sou homem, tudo quanto é humano me concerne!" Possuamos tudo em comunidade, uma vez que como comunidade fomos gerados. A sociedade humana assemelha-se em tudo a um arco abobadado: as pedras que, sozinhas, cairiam, sustentam-se mutuamente, e assim conseguem manter-se firmes! (SÊNECA, 1991, p. 519)

Podemos perceber o universalismo no pensamento de Paulo, principalmente em duas de suas principais teses: a indistinção entre gregos e judeus e a visão da comunidade cristã de batizados como corpo de Cristo (PENNA, 2009). A salvação é acessível a todo aquele que tiver fé em Jesus Cristo. Na Primeira Carta aos Coríntios, Paulo afirma que para aqueles que são chamados, sejam gregos ou judeus, Cristo é o poder e a sabedoria de Deus. Daí o seu apostolado de fazer unidade da comunidade e da salvação dos gentios. É por isso que Paulo escreve aos romanos:

[...] se confessares com tua boca que Jesus é Senhor e creres em teu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo. Pois quem crê de coração obtém a justiça, e quem confessa com a boca, a salvação. Com efeito, a Escritura diz: Quem nele crê não será confundido. De sorte que não há distinção entre judeu e grego, pois ele é Senhor de todos, rico para todos os que o invocam. Porque todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo (BÍBLIA, 2013, p. 1983).

Sendo a comunidade dos batizados a representação do corpo (*soma*) de Cristo¹³, é por vocação uma, assim como um só é o Cristo. Os cristãos são membros deste único corpo, unidos pela fé. Cada membro possui um papel e uma função na comunidade, sendo todos importantes. “Pois assim como num só corpo temos muitos membros, e os membros não têm todos a mesma função, de modo análogo, nós somos muitos e formamos um só corpo em Cristo, sendo

¹³ Cf. Rm 12, 3-8; 1 Cor 12, 12-30. Para Romano Penna (2009), este conceito paulino é derivado da tradição grega, especificamente estoica, visto que é inconcebível na visão judaica a ideia da comunidade como Corpo de Cristo (Messias) e muito menos como Corpo de Adonai (*Iaweh*).

membros uns dos outros” (BÍBLIA, 2013, p. 1986). A comunidade cristã é o lugar onde todos estão unidos, segundo a vontade de Deus, de modo que se um sofre, todos sofrem juntos e se um recebe honra, a alegria deve ser de todos. Entretanto, este vínculo de unidade, defendido pelo Apóstolo, não é a comunhão da natureza (como em Sêneca), mas a comunhão dos batizados na fé em Cristo Jesus. “Pois fomos todos batizados num só Espírito para ser um só corpo, judeus e gregos, escravos e livres, e todos bebemos de um só Espírito” (BÍBLIA, 2013, p. 2008).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sêneca e Paulo viveram no período histórico do helenismo que, de certo modo, guiou o pensamento dos dois. Ambos procuraram responder ao processo de mudanças ocorridas por meio do avanço do Império Romano sobre o oriente e ocidente através de uma visão ética e teológica do agir e do viver humano. A teologia para esses pensadores, mais do que um conjunto de axiomas acerca da divindade, versa sobre um pensamento filosófico-cosmológico acerca do princípio e fim de toda a humanidade, através da razão ou da fé. Assim, buscaram orientar os seus seguidores a como viver bem, segundo as leis do espírito/alma. Ideais como ascese, confiança na providência, universalismo, desprezo as coisas deste mundo e busca das virtudes e do ideal de sábio/justo, são pontos de similaridade das doutrinas destes dois pensadores. Essas ideias representam características do período helenístico no qual o homem busca encontrar o que determina a universalidade humana, bem como, qual o verdadeiro sentido para a Salvação humana que resultará em sua felicidade.

Todavia, apesar das semelhanças que aproximam as duas teorias, as diferenças presentes entre os dois pensadores colocam também, de certo modo, um espaço significativo entre eles. Enquanto Sêneca, a partir da visão estoica, vê na razão a supremacia e excelência do homem sábio e na filosofia o papel de educadora para o bem viver e remédio para a alma contra os vícios, Paulo, a partir da sua experiência de conversão, encontra na fé em Jesus Cristo a excelência que une toda a humanidade a bem viver e liberta o homem da escravidão do pecado. Essas diferenças são estabelecidas justamente pelo fundamento que cada um utiliza na construção do seu pensamento: Sêneca pela doutrina do Estoicismo e Paulo pelo Cristianismo nascente.

Assim, pode-se dizer que as produções intelectuais dos dois pensadores são únicas e apresentaram novidades da compreensão do mundo e despertaram uma nova forma de agir

humano. Ambos estabeleceram ideias que marcaram o pensamento ocidental, desde o helenismo, e se faz presente até os dias atuais no discurso filosófico-religioso.

REFERÊNCIAS

BECKER, J. Paulo, fariseu de Tarso. In: _____. **Apóstolo Paulo, vida, obra e teologia**. Tradução de Irineu J. Rabuske. São Paulo: Ed. Academia Cristã Ltda, 2007. p. 57-90.

BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2013.

BOEHNER, P.; GILSON, E. Introdução. In: _____. **História da Filosofia Cristã**. 13ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 11-22.

BRAGA JUNIOR, A. D.; LOPES, L. F. **Introdução à Filosofia Antiga**. Curitiba: Intersaberes, 2015. Disponível em: <<https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/31411/pdf/11?code=/rt2q0tzdrcU+OSF6VSad7Nfil5N2hv1B0UFEvx6dULBc1KiPHk4+npjAwn4M+4RXIFF6/M20XWNOQOHRhDaw==>>. Acesso em: 19 de Maio de 2020.

BRUN, J. **El estoicismo**. Tradução de José Blanco Regueira. Toluca: Universidad Autónoma del Estado de México, 1997.

CAMPOS, J. A. S. E. Introdução. In: SÊNECA, L. A. **Cartas a Lucílio**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991. p. V-LIV.

CHAUÍ, M. **Introdução à história da filosofia: as escolas helenísticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CHAVES, M. J. D. N. **A condição humana em Sêneca**. 2012. 103 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://www.usjt.br/biblioteca/mono_disser/mono_diss/2013/217.pdf>. Acesso em: 28 de Outubro de 2020.

DANIEL-ROPS. Um arauto do Espírito: São Paulo. In: _____. **A Igreja dos Apóstolos e Mártires**. São Paulo: Quadrante, 1988. p. 56-102.

FOUCALT, M. 1ª Conferência: O significado da palavra parrhesia. **Revista Prometeus**, Recife, v. 6, n. 3, p. 3-9, 26 de Setembro de 2013. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/prometeus/article/view/1550>>. Acesso em: 17 de Outubro de 2020.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GLAD, C. E. Paulo e a Adaptabilidade. In: SAMPLEY, J. P. **Paulo no mundo Greco-romano: um compêndio**. Tradução de José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulus, 2008. p. 1-23.

HENGEL, M. Origin and Citizenship. In: _____. **The Pre-Christian Paul**. Tradução de John Bowden. London: SCM PRESS, 1991. p. 1-25.

HOCK, R. F. Paulo e a Educação Greco-romana. In: SAMPLEY, J. P. **Paulo no mundo greco-romano: um compêndio**. São Paulo: Paulus, 2008. p. 171-196.

MARCONI, D. A.; LAKATOS, M. Métodos científicos. In: _____. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. p. 83-112.

MATTAR, J. Filosofia Antiga: Período helenístico e romano. In: _____. **Introdução à Filosofia**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010. p. 59-62. Disponível em: <<https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/1794/pdf/70>>. Acesso em: 31 de Março de 2020.

MOTA, J. C. A estrutura formal de argumentação de São Paulo e as suas possíveis relações com a Lógica estóica. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 1, p. 173-214, 1974. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-31731974000100011&script=sci_arttext>. Acesso em: 04 de Maio de 2020.

MURPHY-O'CONNOR, J. Growing up in Tarsus. In: _____. **Paul: a critical life**. Oxford: Oxford University Press, 1996. p. 32-51.

PENNA, R. Paulo de Tarso e os componentes gregos do seu pensamento. **Atualidade Teológica**, Rio de Janeiro, n. 31, p. 55-91, 2009. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/18333/18333.PDFXXvmi=>>>. Acesso em: 04 de Maio de 2020.

RAMOS, J. A. et al. **Paulo de Tarso: Grego e Romano, Judeu e Cristão**. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2012.

REALE, G. **História da Filosofia Antiga: Os Sistemas da Era Helenística**. 10ª. ed. São Paulo: Loyola, 1994a.

REALE, G. **História da Filosofia Antiga: As escolas da era imperial**. 9ª. ed. São Paulo: Loyola, 1994b.

SAMPLEY, J. P. Introdução. In: _____. **Paulo no mundo greco-romano: um compêndio**. São Paulo: Paulus, 2008. p. 13-26.

SANSON, V. F. **Estoicismo e Cristianismo**. Caxias do Sul: EDUCS, 1988.

SANTOS, Z. A. L. D. **O discurso constituinte como determinante no uso de tópoi e argumentos retóricos na construção das Epístolas de Sêneca e Paulo**. 2017. 335 f. Tese (Doutorado em Letras) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2017.

SÊNECA. **Sobre a Divina Providência e Sobre a Firmeza do Homem Sábio**. Tradução de Ricardo da Cunha Lima. São Paulo: Nova Alexandria, 2000. 69-129 p.

SÊNECA. **A Vida Feliz**. Tradução de Luiz Feracine. São Paulo: Escala, 2006.

SÊNECA. De Ira. In: LIMA, R. A. F. D. **De Ira de Sêneca**: Tradução, Introdução e Notas. 2015. 239 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015. p. 84-152. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-14032016-110602/publico/2015_RicardoAntonioFidelisDeLima_VOrig.pdf>. Acesso em: 01 de Novembro de 2020.

SÊNECA, L. A. **Cartas a Lucílio**. Tradução de J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.

SILVA, R. D. P. D. **O paradigma senequiano de felicidade na construção da vida feliz**. 2015. 47 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Filosofia), Faculdade São Bento, São Paulo, 2015. Disponível em: <http://www.faculdadedesaobento.com.br/files/pesquisas_02179419-03463782-6627-142018.pdf>. Acesso em: 28 de Outubro de 2020.

VEYNE, P. **Sêneca y el estoicismo**. Tradução de Mónica Utrilla. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1995.

WATAKABE, T. **Sêneca e a Educação para formação do Sábio**. 2009. 102 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2009. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/SITE%20PPE%202010/dissertacoes/2009_thais_watakabe.pdf>. Acesso em: 28 de Outubro de 2020.